

SBH
47.95 P

A cara do Brasil



O Gilberto Freyre de Casa-Grande & Senzala, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, autor de Raízes do Brasil, e do Caio Prado Júnior de Formação do Brasil Contemporâneo compõem a trinca responsável pelo moderno pensamento radical brasileiro. Nos campos da antropologia social, da história política e da história econômica, eles resgataram o passado colonial brasileiro das mãos do cientificismo de cunho racista e ofereceram uma visão crítica das elites brasileiras. Os três são beneficiários das rebeldias dos anos vinte; os três desejaram uma sociedade que pensasse e fizesse o Estado — os três foram derrotados pela história do Brasil contemporâneo. (Págs. 8, 9, 10, 11 e 12)

Mestres da r

Claudio Bojunga

ANTÔNIO Cândido nos ensinou que os brasileiros começaram a pensar e a se interessar pelo passado do Brasil em função de três livros: *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1933); *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda (1936) e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (1942). Animados pelo sopro de rebeldia vindo dos anos vinte, e que fecundou os anos subseqüentes à Revolução de 1930, esses três mestres da radicalidade romperam com a retórica, com o naturalismo e com os preconceitos da produção teórica anterior, fundando três "obras seminais", respectivamente nos campos da antropologia social, da história política e da história econômica.

É praticamente unânime a opinião de que o melhor Gilberto Freyre é o irreverente autor que revelou a formação colonial do Brasil e a gênese das nossas classes dominantes, desmontando os mecanismos íntimos e cotidianos da sociedade patriarcal e escravista. O Gilberto generoso e saboroso, cronista da miscigenação, do sexo, do cafuné e da rede e que foi cantado por Carlos Drummond de Andrade: "Velhos retratos; receitas/ de carurus e guisados; /as tortas Ruas Direitas; /os esplendores passados". Antonio Callado, por exemplo, classifica *Casa-Grande & Senzala* de "síntese mais perfeita da formação da sociedade brasileira", embora acrescentando que o Gilberto laureado perderia a ternura daquela fase, deixando-se levar por um lado meio festivo, o que o fez se afastar de muita gente, incluindo aí ele mesmo. Para lá das reservas sobre o fascínio de Freyre com a lusotropicalologia, outra não é a opinião do antropólogo Gilberto Velho. Sobre o método de Freyre, ele diz: "Ele promoveu uma maneira de pesquisar, colhendo dados em jornais e sendo um pouco proustiano, não se preocupando apenas com fatos objetivos, mas investigando a si mesmo."

Sérgio Buarque de Hollanda foi um exímio desmistificador da retórica libe-

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado: construtores de três marcos germinais

ral da Primeira República, um demolidor da visão hierarquizada e autoritária que se perdia em réplicas e trélicas sobre o artigo indefinido, e que morreria falando francês, como Olavo Bilac. *Raízes do Brasil* desfechou um golpe seco no liberalismo de fachada, armando uma dialética entre o rural e o urbano; o trabalho e a aventura; a burocracia e o caudilhismo, a norma impessoal e o impulso afetivo, que caracterizou o homem cordial, mais agrário do que urbano, e que já desapareceu. Amolaram Sérgio a propósito da "cordialidade", desconhecendo que ele mostrou a crise das raízes ibéricas, em benefício de uma civilização urbana e cosmopolita — que ainda é uma promessa.

Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, Caio Prado Júnior interpretou o Brasil do ponto de vista da produção, da distribuição e do consumo. É ainda Antônio Cândido que mostra como seu marxismo foi um método de captar o real, desligado de compromissos partidários ou objetivos práticos imediatistas. Era mais um golpe em conceitos vagos como "patriarcado", "elite", "rural" e "feudalismo". Caio Prado Júnior sempre criticou as tendências mecâni-

cas, dogmáticas e abstratas dos comunistas brasileiros. Em várias ocasiões apontou o baixo nível cultural da esquerda e, como exemplo disso, citou a posição do Partido Comunista em relação à Revolução de 1930, considerada sumariamente "uma luta entre os imperialismos americano e inglês, da qual o primeiro saiu vencedor".

Como diz Gilberto Velho, "cada autor no seu assunto foi um ensaísta e um pesquisador, fazendo uma ponte entre o mundo intelectual e a representação do colonizador e da colonização. Os três livros surgem num processo de modernização do país, oferecendo uma interpretação do que é nacional". É também opinião quase unânime que as três obras são complementares, oferecendo ao leitor atento corretivos recíprocos às distorções teóricas de cada uma delas. A complacência de Freyre com o lusotropicalismo encontrava um anticorpo na cerrada crítica das elites feitas por Caio e por Sérgio. O estilo "duro" e a perspectiva "macro" de Caio eram amenizadas pela belíssima prosa de Gilberto e sua visão "micro", sempre atenta aos fatos menores, íntimos e reveladores, lembrando a que informa a "escuta analíti-

ca" exercida, porém, numa escala histórica.

Para a filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda, professora do Instituto Joaquim Nabuco, ex-aluna de Heidegger e doutora pela Sorbonne, o historicismo de Sérgio Buarque de Hollanda e o culturalismo de Gilberto Freyre "rebataram o pessimismo dos povos aculturados; aqueles estudos sobre a América Latina que a viam enferma, descrevendo essa enfermidade em termos cientificistas de uma análise racial". Segundo ela, esses dois alunos de Franz Boas "reconheceram as matrizes ibéricas do Brasil, ao mesmo tempo em que procuraram compreender os diferentes componentes do povo brasileiro".

É compreensível que, desses três autores vindos na esteira do modernismo, tenha cabido ao nordestino Gilberto Freyre o resgate dos elementos mais tradicionais da História Brasileira — a marca do negro, o papel das relações familiares, as formas do mando — vistos da perspectiva da classe dominante. O modernismo no Nordeste, afinal, se assentou numa região que tinha uma formação histórica, uma situação social e uma composição étnica bastante particulares. Os paulistas falariam pelo pólo mais renovador do ponto de vista econômico e político. Daí uma tradicional resistência dos paulistas, como o sociólogo Carlos Guilherme Mota (para quem "Florestan Fernandes é o maior cientista social brasileiro de todos os tempos"), aos que têm uma visão "nordestinizante do mundo". Isto é, "a maneira pela qual Gilberto Freyre dilui, harmoniza as contradições da sociedade brasileira", diz ele.

Essa hostilidade parece exprimir, paradoxalmente, um ressentimento paulista diante do fracasso em agregar o Brasil tradicional através de sua modernidade, a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos. Muito pelo contrário, a impressão que se tem é de que São Paulo acabou compondo com o Brasil da parentela e do mando; foi submergido pela política clientelista e pela promiscuidade dos interesses urbanos e agrários. Talvez por isso, Caio Prado Júnior diga que o Brasil perdeu o bonde

Algumas datas & fatos

- 1922 — Um ano de rupturas. Em fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo é criada a Semana de Arte Moderna. Em março, o Partido Comunista do Brasil é fundado. Paris escuta: "Nous faisons tout le monde danser le samba." Maxixe de Pixinguinha. Há rebelião em Copacabana. Os "18 do Forte".
- 1924 — O poeta francês Blaise Cendrars chega a São Paulo. Oswald de Andrade funda o movimento Pau-Brasil. Tarsila do Amaral é a sua pintora. O tenente Luís Carlos Prestes dá início a "Coluna Prestes".
- 1925 — Humberto Mauro começa a sua carreira de cineasta — *Valadão*, *o Cratera*. Em São Paulo, o arquiteto Rino Levi critica a especulação imobiliária e o concreto armado inicia sua história no país.
- 1927 — O Brasil tem correio aéreo e a Varig. E repressão. A Lei Celerada é promulgada permitindo a repressão a atividades políticas e sindicais operárias.
- 1928 — Movimento Antropológico com a

assinatura, de novo, de Oswald de Andrade e a pintura de Tarsila do Amaral Macunaima, de Mário de Andrade e o *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo. As fontes e as raízes do Brasil são procuradas.

1929 — Fundada a Aliança Liberal e a estrela de Getúlio Vargas começa a subir. O país tem a primeira Confederação Geral de Trabalhadores,



Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade

de curta duração. No carnaval, Mário de Andrade experimenta cocaína e os foliões cheiram lança-perfume Rodo Metálico.

1930 — Vargas no poder. Villa-Lobos compõe *Bachianas brasileiras* e surge nas livrarias *O quinze*, de Rachel de Queirós e *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. A gaúcha Yolanda Pereira é eleita Miss Universo. Limite, filme de Mário Peixoto.

1932 — Explode a insurreição constitucionalista em São Paulo. Criado o integralismo por



Sérgio Buarque de Hollanda



Mário de Andrade

Plínio Salgado. Os leitores lêem *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. O sucesso do carnaval é *Teu cabelo não nega*, de Lamartine Babo.

1933 — *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; *Caetés*, de Graciliano Ramos e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade.

1934 — É criada a *Hora do Brasil*. Primeira greve dos funcionários públicos. Nas rádios, *O orvalho vem caindo*, de Noel Rosa.

1935 — Canta-se *Cidade Maravilhosa*, de André Filho e Érico Veríssimo publica *Caminhos cruzados*. Levante da Aliança Nacional Libertadora — chamada de Intentona Comunista.

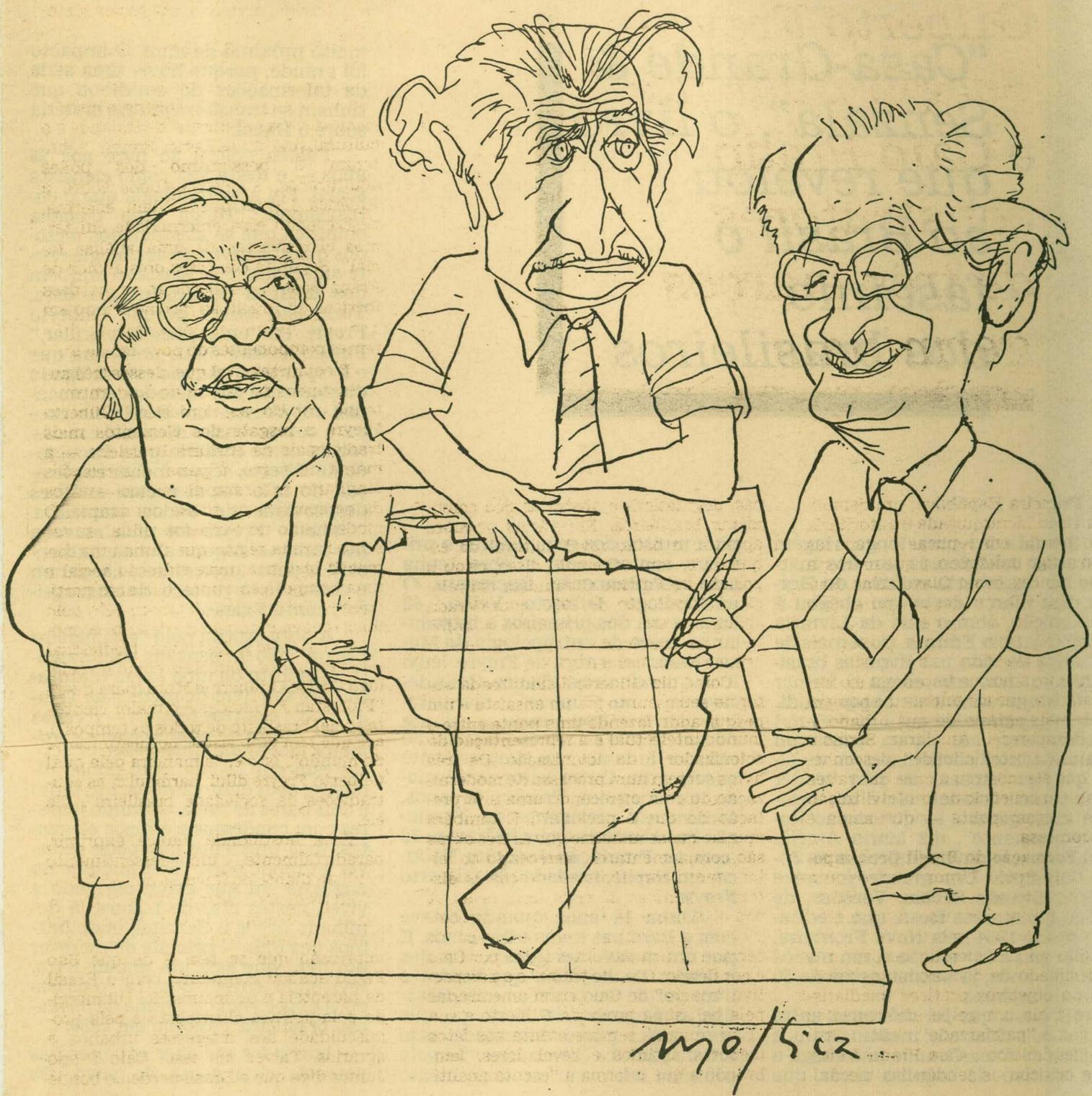
1936 — Graciliano Ramos é preso em Alagoas e Luís Carlos Prestes no Rio. Lançado *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda.

1937 — *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. Um decreto de Getúlio Vargas abole todos os partidos.

1939 — Início da 2ª Guerra Mundial.

1942 — Caio Prado Jr. publica *A formação do Brasil contemporâneo*.

Radicalidade



do capitalismo. Ou que Darcy Ribeiro diga que, na guerra de secessão brasileira, foi o sul (dos Estados Unidos) quem levou a melhor.

Uma opinião mais estimulante sobre os pensadores "germinais" da modernidade é a sustentada pelo sociólogo carioca Luiz Werneck Vianna, do IUPERJ. Em sua opinião, as três grandes obras referidas se situam menos na lógica dos anos trinta do que na dos anos vinte; seriam, na verdade, o coroamento intelectual desses anos que ele considera o momento maior da radicalidade brasileira. Mas é preciso voltar atrás.

A Primeira República havia criado no Brasil uma ordem desajustada, em que uma fachada liberal americana coexistia com um mundo clânico e retrógrado. Alberto Salles (o irmão de Campos Salles) já havia escrito nos primeiros anos deste século: "não há República sem federação e sem indivíduos." Ora, o

que existia era uma República oligárquica da chalaça. As palavras de Alberto Salles continham um germe de um separatismo paulista, que posteriormente poderia funcionar como elemento reaglutinador da nação. Alberto Torres também trabalhou nessa disjuntiva Brasil-ideal/Brasil-real e no problema nela implícito: as instituições eram boas, mas o Brasil não cabia nelas. Na esteira de Torres, Oliveira Viana pensou o institucional à sua maneira autoritária, mas deixando de lado a pergunta sociológica: por que essas instituições não têm assentamento na realidade do país?

Luiz Werneck Vianna lança uma luz nova sobre a questão ao lembrar que a novidade de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Júnior foi deixar o institucional à margem, e passar a estudar o social, abrindo, inclusive, espaço para o povo como ator histórico. O livro de Caio Prado

Júnior, por exemplo, se detém na Cabanada, na Balaiada, na Revolução Praieira. E os anos vinte haviam sido prenunciadores da necessidade de novos atores, pois foi durante essa década que surgiram os empresários, os militares, as classes médias, os comunistas e outros que não cabiam na ordem oligárquica da República café-com-leite. O radicalismo pode ser flagrado nas mortes em massa do movimento tenentista, na Coluna Prestes, na revolta de 1924 em São Paulo, na ousadia de homens que arriscaram suas carreiras para "recusar um mundo onde não valia a pena viver", na bela fórmula de Vianna. Porém, nos anos vinte, o Estado era mais forte do que a sociedade.

Segundo Werneck Vianna, tanto Gilberto Freyre, como Sérgio Buarque de Holanda ou Caio Prado Júnior, permaneceram fieis aos ideais dos anos vinte. Os três desejavam uma sociedade que

pensasse e fizesse o estado. E os três foram derrotados: a Revolução de 1930 inaugura um estado que vai pensar e organizar a sociedade, tendência que se acentua com o Estado Novo, em 1937, e, bem mais tarde, com o prussianismo tropical do regime de 1964.

Os artistas e intelectuais que vão para os braços do estado são os únicos que poderão dar seqüência a seus trabalhos: Villa-Lobos, Oscar Niemeyer, Portinari, Carlos Drummond de Andrade. Nossos três autores recusam, pelo menos nesse período (pois Freyre é cooptado honorificamente pelo regime militar), a prática do "intimismo à sombra do poder". Nenhum deles entrará para o aparelho do estado ou para a Academia. Mas suas respectivas "derrotas" simbolizarão o fracasso da nação diante do Estado centralizador e autoritário. Por essa leitura, 1964 não foi uma ruptura com o varguismo, mas sua realização e seu aprofundamento. O marechal Castello Branco, aliás, definiu o regime que estreava como o "Estado Novo da UDN".

É óbvio que uma vitória das teses de Caio Prado Júnior teria implicado o surgimento de uma outra esquerda mais viva e menos enfeudada. O afastamento das matrizes de Sérgio Buarque de Holanda e de Gilberto Freyre foi feito em benefício de uma produção setorial, tecnocrática e monográfica. A visão do paraíso de Sérgio e a tropicologia de Freyre, que continham um elemento messiânico, como o dos velhos eslavófilos russos, esbarrou num selvagem capitalismo de estado, que parecia roubar toda a possibilidade de uma especificidade brasileira. O Brasil de hoje, é um país integrado ao sistema internacional, e assim é pensado. A idéia de país "novo", com mil possibilidades, foi substituída pela de país subdesenvolvido e dependente, cuja atrofia deveria ser tratada por técnicos (cf. Mario Vieira de Melo). A "modernidade conservadora" que se instaurou foi analisada pelos discípulos do americano Barrington Moore.

Hoje, quem lê *Casa-Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil Contemporâneo*? A obra-prima de Freyre, o mais vendido dos três, não conseguiu ultrapassar a média de dois mil exemplares por ano nesse meio século de existência. E o professor Gerard Lebrun, da USP, que já vive no Brasil há 13 anos, desconfia que ele seja mais lido no exterior do que no nosso país. Mas há sinais de um desejo de retomada e revisão desses clássicos, como indica a reavaliação do livro de Freyre feita por Darcy Ribeiro no final dos anos setenta. É que talvez, hoje, a sociedade se sinta novamente mais forte do que o Estado, e o restabelecimento de relações com esses marcos seminais anunciaria, afinal, a revanche da nação. Talvez falte entusiasmo para isso nos jovens narcisos, minimalistas e escaldados dos tempos que correm. Em todo o caso, seria uma saída para o universo melancólico e grotesco da cultura urbana atual.

Colaboraram Cida Tair (São Paulo), Marisa Gibson e Divane Carvalho (Recife) e Juarez Porto (Porto Alegre)

Per

Wilson Coutinho

SE um fleumático viajante inglês desembarcasse no Rio de Janeiro e corresse para ver o desfile das escolas de sambas poderia anotar no seu caderno de viagens o seguinte cenário pitoresco: autoridades políticas misturadas com bicheiros, gente da alta sociedade dançando em trajes sumários, o governador do Estado discutindo apoios políticos — tudo isto em caríssimos camarotes, enquanto seus filhos, metros abaixo, desfilavam, de braços erguidos, com mulatas e negros desdentados. Para coroar a cena, do alto dos camarotes o champanha francês importado era aberto não só para saciar a sede destes colunáveis, mas atirado nos corpos dos sambistas, a maioria ganhando apenas um salário mínimo. E, na passarela, evoluía a Escola Estação Primeira da Mangueira entoando estrofes baseadas em **Casa-Grande & Senzala**. Provavelmente, este hipotético viajante não perguntaria que país é este — mas, que livro é este?

Saberia, por exemplo, que foi escrito em 1933 por um nordestino chamado Gilberto Freyre e numa época onde, no Brasil, vicejavam teorias racistas que punham os negros como responsáveis pelo atraso do país. E nem o clima, tropical, que amolecia os seus habitantes, seria considerado culpado pela euforia orgiástica, mantendo juntos, mas ao mesmo tempo cada um em seu lugar, os que estavam na passarela e nos camarotes. **Casa-Grande & Senzala** seria, talvez, lido como a mais contundente metáfora sobre o Brasil.

Isto bastaria para o viajante inglês, mas o livro não é só isto. O semiólogo francês Roland Barthes viu nesta obra algo universal e deplorava que a França não tivesse um livro semelhante. Traduzido para o espanhol, francês, italiano, polonês e para o alemão, **Casa-Grande**

& Senzala para ser lido em todos os países. Em sua 25ª edição, o livro de José Olympio já comemora 50 anos de publicação. Uma das razões para a sua permanência na estante das bibliotecas e das livrarias é o seu sucesso comercial. O livro já chegou a ser vendido em mais de dois milhões de exemplares. É considerado o maior sucesso de vendas da editora Record.

Joaquim & Freyre

TOMANDO a famosa poção inventada por Freyre — o conhaque de pitanga — o cineasta italiano Roberto Rossellini (1906-1977) manifestou no Solar de Apipicós um íntimo desejo: o de filmar **Casa-Grande & Senzala**. O projeto não andou, tolhido por falta de verbas e pelo desinteresse de produtores nacionais. Mas o desejo de transformar as 573 páginas do livro em celulóide peregrinou, durante 10 anos, na cabeça do produtor Marcelo França. Um roteiro escrito por Gilberto Loureiro chegou a ser feito, mas não agradou ao antropólogo. Em julho do ano passado, o projeto foi parar nas mãos de Joaquim Pedro de Andrade, na época, na faina de buscar dinheiro para um outro filme — **O Impoderável Bento e o crioulo voador** — cuja ação transcorre em Brasília. "Foi a melhor encomenda que recebi na minha vida", comenta. Em vez de lançar-se no

roteiro, o cineasta decidiu fazer um périplo com história. O filme será dirigido por Joaquim Pedro de Andrade em 1966.



Andrade filmando em 1966

para dominar o Brasil, ou simplesmente sobreviver", explica o cineasta. A película deverá começar com a carta de Pero Vaz de Caminha e terminar com uma nau, saudando com tiros, a invasão holandesa. "O filme mostra como o Brasil começou a se

interessadas na obra filmada de Freyre. O custo será de 2 milhões e 500 mil dólares e não deve se parecer com **A Missão**, do inglês Roland Joffé, que mostrou a colonização nos trópicos, com o custo de 17 milhões.

m o r

parqueiros de Alagoas ensinam-lhe a fumar maconha. No Rio, frequenta tocadores de violão e, em Salvador, pandomblés. Também se encontra com velhas baronesas brasileiras, velhas iaiás, ex-escravas. "Venho recolhendo de vários deles confissões preciosas. Agora estou fazendo o mesmo em Lisboa, com condessas, com sábios e com prostitutas. Com as prostitutas, aos goles de ginga," lembra o escritor.

E o livro quase vai a pique, quando na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, Freyre vê desembarcar alguns marinheiros brasileiros. "Eles não me deram boa impressão. Pareciam-me realmente uma negação das virtudes — se havia virtudes — na mistura das raças. Eram raquíticos, eram desengonçados, não sabiam, ao meu ver, andar como deviam andar. Aquilo me desanimou. Dizia: Será que o Le Bon é quem tem razão? Será que o Brasil tem realmente futuro?" Foi salvo pelo antropólogo Franz Boas. "Com que avidez bebia as palavras de Boas. Ele havia realizado pesquisas entre os esquimós. E tinha chegado à conclusão de que mistura de brancos com esquimós era mistura de bons resultados", disse numa entrevista. E outro antropólogo, Roquette Pinto, botou os seus marinheiros mestiços no devido lugar. "O que você viu não foram mestiços mestiços, mas mestiços subnutridos", comentou para Freyre.

Quando o livro acabara de ser datilografado, Freyre emergiu de novo na dúvida. "Ou era um livro realmente de valor ou escrito por um idiota." Em dezembro de 1933, J.O. Maia & Schmidt publicava o livro, voltando a publicá-lo em 1936 e 1938. Reapareceu em 1943, somente pela José Olympio, em dois volumes, na coleção Documentos Brasileiros, depois de uma briga na justiça entre Freyre e Schmidt, que não tinha pago os direitos autorais. A primeira edição vinha ilustrada com

fotografias de Cícero Dias e filhos de São Paulo, em 1973, os quais, em um só volume, Santa Rosa de Cícero Dias, pena de Prisão, obra — ainda João Cabral de Drummond, Bandeira Lins do Rego.

Em 1943, na Argentina, quatro anos depois, gunda nos meses seguintes, somente em 1965, foram monumentais, situados pelo jam o primeiro. "É a m

Gilberto & Gil

Durante as filmagens do ainda inédito *Gilbertianas brasileiras*, de Geneton Moraes Neto, Gilberto Freyre e Gilberto Gil tiveram longas conversas sobre os militares, os analfabetos, a maconha, a igreja e a juventude, registradas pelo cineasta. Abaixo, a transcrição de alguns trechos.

☐ Militares

Freyre — Os militares no Brasil têm tido a tendência de se constituírem em deturpadores de suas próprias qualidades. (...) O militar, quando assume o poder político, tem abusado de sua qualidade de disciplina e de sua virtude — que é a de ser homem arremetido.

Gil — A pior herança (dos militares) talvez tenha sido o acanhamento, a mofo, essa coisa de ter medo. Um certo enraquecimento do tecido cívico e, até,

um arrefecimento ponderado esta natureza e l

☐ Analfabetos

Freyre — Analfabetos, primitividades, desenvolvimentos, sentiu neces

Gilberto e Gil: trocando idéias



concentração, mas ao mesmo tempo permite o mergulho profundo em camadas não visíveis a olho nu. Há quem pode e quem não pode fumar. Mas eu, a princípio, acho que é uma coisa da natureza.

A diferença

Raquel Ulhoa

DEPUTADO constituinte pelo PT, autor de mais de 40 livros, professor emérito de universidades européias e americanas, o sociólogo Florestan Fernandes é um dos mais destacados pensadores da esquerda brasileira. Abaixo, sua visão sobre Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior:

A importância das obras — As obras dos três são inovadoras por duas razões: pela forma de interpretar a realidade e pelo conteúdo dos trabalhos. Mas é preciso lembrar que elas lançam raízes em obras anteriores. A modernidade da investigação da sociedade brasileira se inicia com um livro de Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império* e com *Os Serões de Euclides da Cunha*. Essas são as obras pioneiras das ciências sociais no Brasil. Posteriormente, vem a obra de Oliveira Viana que, ao lado de outros, tiveram importância na tentativa de analisar a formação do Brasil através de técnicas interpretativas sociológicas, econômicas e históricas.

Mas a importância de Gilberto, Caio e Sérgio reside no fato de eles inaugurarem uma visão da sociedade brasileira que resultou da transformação dos modos de produção escravista e da formação de uma sociedade urbana e industrial ligada ao trabalho livre. Os três recuam ao passado, procurando, como diz o título do livro de Sérgio, as "raízes" do Brasil. Mas as orientações foram distintas: Freyre usou um procedimento interpretativo culturalista, pondo em evidência os padrões que regiam as relações entre senhores e escravos no mundo senhorial. É o tema de *Casa-Grande & Senzala*. Em *Sobrados e Mucambos*, ele revela a concepção do mundo que prevaleceu no momento em que surge a urbanização. Seu procedimento é analítico e predominantemente descritivo. O de Sérgio é sintético: ele apanha a totalidade da transformação em momentos distintos, desde a etapa inicial da colonização até a decadência do modo de produção escravista. Caio Prado Júnior trata da evolução do estado e da História econômica, tentando descobrir o sentido da luta de classes no contexto da antiga sociedade senhorial e na moderna sociedade urbana.

Caio e Gilberto — A problemática dos dois é distinta. Freyre tentou descobrir como, apesar da escravidão, ocorreu a miscigenação, a fusão de várias culturas na sociedade brasileira. E também encontrar o sentido da mestiçagem, se ela foi um fator de retrocesso ou de enriquecimento para um país tropical como o nosso.

Caio Prado Júnior se preocupou com o que ele chamou de "a única coisa organizada que existiu na sociedade colonial", a escravidão. Ele se concentra no século XIX e nas transformações que se iniciam com a formação do estado brasileiro independente, desde o Primeiro Império até a desintegração do escravismo. Um estado que deveria ser burguês e burocrático, mas não chegava a ter em toda a sua plenitude a função de um estado capitalista moderno. Os contrastes entre os dois estão na forma de tratar o assunto. Caio não era, como Gilberto, um homem que elaborasse suas intuições. Gilberto, por

"Freyre foi um pioneiro, mas não chegou a desmistificar a sociedade escravista"

exemplo, diz que a resistência do indígena à conquista foi "vegetal". Essa suposição de que o indígena não resistiu ao branco é uma hipótese falsa que ele propaga. Caio jamais faria isso. Ele tentaria testar sua hipótese aos fatos. Na verdade, a reação do indígena ao português foi tão violenta quanto possível.

A resistência da USP e Freyre — Na origem da USP, Gilberto, Sérgio e Caio foram igualmente importantes. Não houve essa suposta reação a Freyre. Essa suspeita equivoca vem do fato de que nós realizamos investigações sobre os mesmos problemas analisados por Gilberto e chegamos a conclusões diferentes. Eu, por exemplo, tratei dos índios tupis, que viveram nos séculos XVI e XVII, mas não tive a perspectiva da casa senhorial, mas da totalidade social como um todo. Coloquei o senhor e o escravo num contexto em que eles apareciam em interação. E não se evidenciava a

simplificação que Freyre endossa. Apesar de ele mostrar claramente o quanto a escravidão foi dura — e isso num estilo dramático e artístico.

Mas ele não chega a desmistificar a sociedade escravista. E foi esse o sentido do trabalho que fiz em colaboração com o professor Roger Bastide (*Religiões Africanas do Brasil*) ou do meu trabalho sobre a integração do negro na sociedade de classes. Minhas conclusões foram diferentes das de Freyre. Certamente, ele foi um grande precursor, um pioneiro. Mas sua obra contém lacunas que não aparecem na obra de Caio Prado Júnior, que é um investigador muito mais sólido. É preciso acabar com essa mania de dizer que houve uma tendência anti-Gilberto na USP, alimentada por preconceitos de caráter teórico ou metodológico. Ao contrário: desses clássicos, o primeiro que possui foi o de Gilberto, que li aos 16

anos. Freyre sempre exerceu grande fascínio sobre os estudantes da USP.

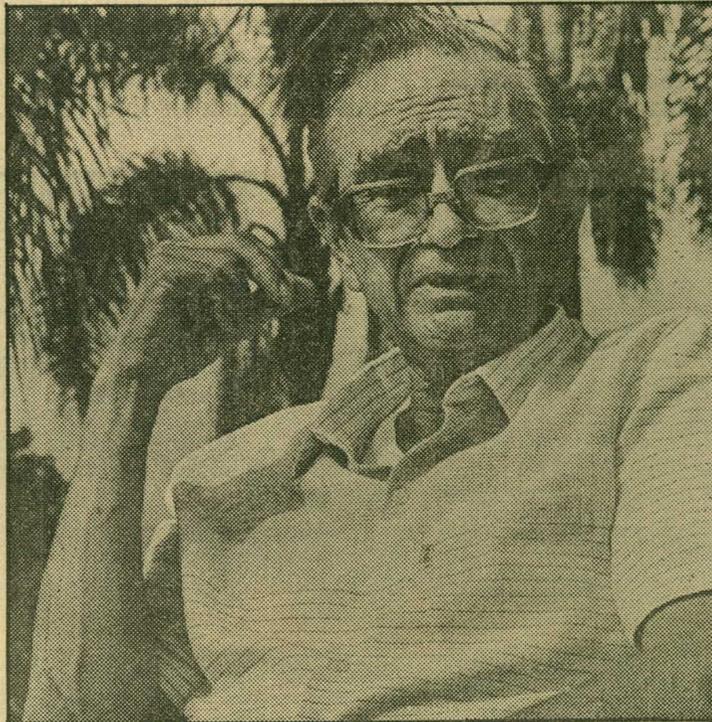
Cordialidade, morenização, luta de classes — Tal como é proposta por Sérgio Buarque de Holanda, a "cordialidade" é o oposto do que parece ser. Sem usar o método dialético, Sérgio mostrou que o brasileiro é o inverso do que parece ser. O mundo da cordialidade oculta conflitos, luta, rancores, dramas. De forma que entender a descrição de Sérgio como se o brasileiro fosse cordial no sentido coloquial da palavra é falso — simplifica e empobrece seu trabalho interpretativo.

A "morenização" de Gilberto Freyre levou à idéia de que ele pretendia resolver os problemas raciais brasileiros na cama. Isso não é verdade. Sua descrição do que ele chamou de "o mundo que português criou" é uma interpretação complexa, que abrange diversos estratos da sociedade. Na verdade, o que ele pretendia era desmistificar a visão da superioridade racial encontrada, por exemplo, em Oliveira Viana. Gilberto quis mostrar que, nos trópicos, e sob condições de miscigenação racial, pode surgir um povo com potencialidade criadora capaz de enfrentar os seus problemas, inclusive aqueles que nascem de uma estratificação que recorre à violência da escravidão. Um povo capaz de criar uma civilização que poderá ultrapassar os padrões herdados de civilização.

Mas o método de Caio Prado para interpretar os conflitos da terra é o único possível para se estudar a sociedade brasileira. Você não pode supor que numa sociedade na qual existe uma estratificação inter-racial — e onde uns são senhores e outros são escravos — seja uma sociedade que se possa estudar sem uma visão de luta social, que projeta todos os recantos da vida social organizada ou espontânea. Além disso, ele estuda a transição, a desagregação desse modo de produção na história econômica, nos trabalhos sobre o estado, sobre a propriedade da terra, da reforma agrária. No livro que ele escreveu sobre a contra-revolução de 1964, ele mostra como a tendência reacionária de dominação de classe cria obstáculos à formação de uma sociedade capitalista comparável aquela dos países centrais.

Portanto, ele tinha uma chave não só para interpretar o passado, combinando raça e classe, mas também de estudar o presente em termos dos conflitos que surgiam, na medida em que as classes poderosas não admitiam transformações profundas na estrutura social do poder.

Novas sínteses — A importância dos autores citados (e seria preciso incluir aí Fernando de Azevedo) é relativa ao momento histórico em que eles viveram. Suas limitações nascem das limitações das ciências sociais daquele tempo. Com o aparecimento da universidade, surgiram novas condições de trabalho intelectual, muito mais ricas, que abrem perspectivas novas para a explicação da realidade. Com isso, surgem autores que se beneficiaram não só da herança legada por esses autores, mas de outras contribuições e que tentam dar conta da sociedade moderna. Para não me por em questão, assim como autores que trabalharam comigo, lembraria a obra de Celso Furtado.



Florestan Fernandes: "É preciso acabar com essa mania de dizer que houve uma tendência anti-Gilberto na USP"